

NOTA DA REDAÇÃO

Agrupados sob o título genérico de “Língua, desigualdade e formas de hegemonia”, apresentamos neste volume monográfico da *Agália*, coordenado pelo professor da Universidade da Corunha Celso Álvarez Cáccamo, os textos resultantes do processo de dupla avaliação anónima efetuado entre os vários artigos recebidos ao seguinte chamado para publicação realizado em meados de 2011:

As línguas, como condutas e como símbolos, estão ligadas a diversos tipos de desigualdades e conflitos sociais: de classe, de género, de etnia, de origem nacional, etc. A extensão das competências linguísticas ativas e passivas (produção e compreensão) pelas instituições educativas e pelas tecnologias (internet, televisões, publicações eletrónicas) não está a representar, em geral, uma redução deste papel da língua nas desigualdades sociais estruturais. Mas o conflito entre línguas com recursos mais extensos ou mais reduzidos continua a coexistir com diversas oportunidades de ação em favor das variedades linguísticas subordinadas, tanto como práticas sociais quanto como símbolos inditáveis. Na complexa ordem sociolinguística (local, nacional ou mundial) dão-se simultaneamente formas de hegemonia imposta das línguas e processos de construção de (contra-)hegemonias emancipadoras. Este volume tenciona abordar a interrelação entre as línguas, as hierarquias e desigualdades sociais, e as formas de dominação e de resistência, de hegemonias e de contra-hegemonias, nas dimensões indicadas. Serão bem-vindos trabalhos desta perspetiva sobre conflitos sociolinguísticos, com especial atenção às diversas situações da língua portuguesa, que tratem de usos, atitudes, discursos, políticas ou ideologias linguísticas em relação a processos ou projetos sociais, económicos, políticos ou culturais.

Assim, após o Texto de Abertura responsabilidade do professor Álvarez Cáccamo, este volume 104 da *Agália* reúne meia dúzia de trabalhos procedentes da Galiza (1), de Portugal (3) e do Brasil (2), em que são atendidas, a partir de diferentes perspectivas de análise, as situações sociolinguísticas de dous territórios localizados na periferia do intersistema cultural lusófono (a Galiza e o Timor Lorosae), questões relativas às relações entre língua e imigração, língua e género (estas, por sua vez, com dous contributos), e as políticas de consenso conetadas com as práticas de mediação cultural na era da informação digital.

No seu Texto de Abertura, o Doutor Celso Álvarez Cáccamo examina o declínio da presença social da língua da Galiza nos últimos quarenta anos à luz da inserção desta comunidade no modo de produção capitalista. Na base das propostas de Pierre Bourdieu, o professor da Universidade da Corunha entende que o fracasso das políticas públicas ditas “normalizadoras” descansa, fundamentalmente, na falta de capitalização dessa língua num processo comandado por umas elites políticas e intelectuais em que a lógica de competitividade, a miragem da ascensão social e, sobretudo, as práticas de exclusão no campo cultural galeguista explicam quer a falência do projeto de criar o “intelectual galego” (relativamente autónomo) quer o reposicionamento atual destas elites subsidiárias para manterem os benefícios (cada vez mais limitados) derivados da posse da língua.

Também desde a Universidade da Corunha e também do caso galego escreve o investigador Arturo de Nieves. No seu texto, o sociólogo corunhês aplica a teoria crítica do reconhecimento postulada por Nancy Fraser para analisar as implicações sociais dos projetos de planificação linguística presentes na Galiza atual. A partir da constatação da existência dum padrão de substituição linguística de falantes de galego-português por falantes de castelhano-espanhol, e após a apresentação dos dous grandes blocos de políticas sobre a língua presentes na Galiza, Arturo de Nieves analisa os Modelos Espanholista e Galeguista de política linguística em relação com a estrutura política galega para concluir que este segundo modelo é mais eficaz para solucionar as situações de injustiça social, tanto no plano da redistribuição como no de reconhecimento, apesar das carências observadas neste modelo galeguista em relação com a consideração da questão redistributiva associada à língua e, sobretudo, da predominância do

modelo identitário para analisar e intervir sobre a problemática do reconhecimento associada ao uso da língua da Galiza.

Já a professora Cristina Valentim, da Universidade de Coimbra, analisa a partir de uma abordagem contextual centrada em narrativas de vida as formas de apropriação da língua portuguesa em contextos de imigração e, a partir dessa apropriação, como os migrantes estudados se tornam agentes identitariamente implicados quer no seu processo de integração quer no seu empoderamento. No seu estudo de caso, a professora coimbrã conclui que, para os sujeitos imigrantes cuja língua materna não é a portuguesa, falar a língua do país recetor não é apenas uma questão pragmática ou comunicacional, mas acaba por ser um exercício estratégico identitário e contra-hegemónico que visa a procura de visibilidade e reconhecimento social.

Por sua vez, a professora Regina Helena Pires de Brito, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, recupera e desenvolve no seu texto várias questões já abordadas em trabalhos anteriores relativas à situação da língua portuguesa em Timor Lorosae. Partindo aqui dos conceitos de lusofonia e de identidade, esta investigadora brasileira recorre a depoimentos e registros de estudiosos, políticos e agentes timorenses em geral para analisar a construção da complexa identidade linguística do Timor, caracterizada pela relação entre as línguas dos colonizadores (o português e o bahasa indonésio) com o tetum, a língua nacional timorense. Regina Brito aponta para a necessidade tanto de incentivar a descrição e a sistematização da língua tétum como o estudo da especificidade cultural e a visão de mundo que a sociedade local vem imprimindo na construção da norma do português timorense, ao mesmo tempo em que reconstrói a sua identidade como nação.

Os trabalhos da professora Helena Rebelo e do professor João Felipe Barbosa Borges focam, a partir de pontos de vista e aparelhos teórico-metodológicos muito diferentes, as relações entre a língua, o par sexo/género e a identidade. Assim, a professora Helena Rebelo, da Universidade da Madeira, propõe uma abordagem fundamentada numa exemplificação atual, sobretudo com base na língua portuguesa, da oposição entre “feminino” e “masculino”, e das relações desta oposição com a definição da identidade individual. O texto contribui para o enriquecimento da discussão em torno da identidade (sexual) a partir da

hipótese de que as línguas são assexuadas; isto é, a autora parte da ideia central de que uma língua não será machista ou feminista *per se*, mas sim as perspetivas culturais das sociedades, que acabam por se refletir nas línguas.

Por seu lado, a partir duma focagem assente na morfopragmática e na sociolinguística, o professor João Felipe Barbosa Borges, do Instituto Federal Fluminense, identifica os marcadores da identidade sexual colocada em relevo num conjunto de afixos superlativos que, relacionados com estereótipos sociais relativos ao género, contribuem para ratificar a ideologia hegemónica do consenso. Este linguista brasileiro conclui que, para além das óbvias implicações destes afixos com a estilística, eles são utilizados para a evocação de relações de poder estabelecidas, refutando com este trabalho, assim, as ideias de que os recursos morfológicos são limitados quanto à expressividade e à implicação ideológica.

Encerramos os contributos deste volume monográfico com um texto em que o professor italiano Vania Baldi teoriza sobre a política do consenso e a construção da hegemonia (política, social, cultural). Este investigador social ligado à Universidade de Aveiro sustenta que por trás destas políticas, ditas de integração, reside uma lógica de naturalização das hierarquias, e aproxima-se das retóricas públicas e das estratégias de representação social no entendimento de que uma análise destas questões pode permitir uma reavaliação ética e política das práticas de mediação cultural, nomeadamente quando na época digital contemporânea assistimos ao nascimento de uma nova forma de hegemonia ligada ao poder informacional.

Ao lado destes contributos, publicamos neste volume 104 da *Agália* os índices correspondentes aos números 65-100 da nossa publicação científica (anos 2001 a 2009). Queremos agradecer mui especialmente ao Doutor Joel R. Gómez o excelente trabalho realizado na indexação dos 18 volumes correspondentes a quase uma década de vida da revista da Associação Galega da Língua (AGAL). A produção anterior (números 1-64 e 2 monográficos), foi também indexada por este investigador ligado ao Grupo Galabra da USC e é acessível no “Índice” publicado no exemplar 65/66 da *Agália* (2000: 101-288).

O volume encerra-se com a “Ficha de Avaliação” dos quatro primeiros números desta nova etapa da *Agália* como *Revista de Estudos na Cultura*. Esta é a

primeira edição de uma secção anual na qual daremos conta de todas aquelas informações precisas para que os avaliadores externos realizem o seu trabalho. Destacamos neste caso que a *Agália* recebeu entre 1 de maio e 30 de novembro de 2011 um total de 68 trabalhos que foram avaliados por um conjunto de 104 revisores/as (que realizaram um total de 138 informes); 31 desses trabalhos recebidos contaram com um mínimo de duas avaliações positivas (resultando um índice de aceitação de 45,59%) e foram publicados em 4 volumes (101-104).

Agradecemos igualmente o trabalho e a dedicação do pessoal avaliador da *Agália*, assim como a confiança tanto dos nossos assinantes e leitores como de todos aqueles investigadores e investigadoras que enviam os seus trabalhos para serem informados e divulgados na *Agália*. Somos conscientes de que só com o generoso contributo de todas estas pessoas este projeto científico e editorial pode atingir os seus objetivos: ser uma publicação científica internacional de referência nos Estudos da Cultura, e ser um instrumento útil e eficaz para a cidadania a que se dirige e que nos sustenta.

Roberto L. I. Samartim
Felisa Rodríguez Prado